

PAULO NUNES BAPTISTA

UM DRAMA NAS SELVAS DO AMAZONAS



PAULO NUNES BAPTISTA

(da Associação Nacional de Trovadores e Violeiros)



UM DRAMA NAS SELVAS DO AMAZONAS

© Copyright 1958 — Editora Prelúdio Limitada
São Paulo — Brasil

Reservados à Editora todos os direitos de propriedade
literária e artística

Registrado na Biblioteca Nacional sob o N.º 11.516



EDITORA

Prelúdio LDA

RUA IPANEMA, 772 - FONE: 9-1374

SÃO PAULO

AmM
0416

PAULO NUNES BAPTISTA

(da Associação Nacional de Trovadores
e Violeiros)

**UM DRAMA NAS SELVAS DO
AMAZONAS**

*A memória de meu pai, Francisco
das Chagas Baptista.*



1 - Leitor, se acaso aprecias
Os versos de um repentista
Lê esta história rimada
Por Paulo Nunes Baptista,
Autor do "Zé Bico Dôce",
Paraibano, nortista.

E' um romance realista
Cujos enredos se passaram
Nas selvas do Amazonas,
E reproduzi-lo vou
Conforme o protagonista
A mim mesmo relatou.

O moco com quem se deu
Este caso doloroso
E' filho da Paraíba,
Aquele Estado formoso,
— A terra de João Pessoa
Brasileiro valoroso.

Esta narração começa
Dezesseis anos atrás
Na capital de Alagoas
— A terra dos marechais —
Quando o Brasil estava em guerra
Contra o fascismo voraz.

José Baptista, um rapaz
De quinze anos de idade
Saira da Paraíba
Devido à necessidade
Foi morar em Maceió,
Uma risonha cidade.

Atráz da felicidade
José Batista partiu
Com sua mãe, pobre velha
Que a sorte em cheio feriu
Pois já tinha sido rica
E a fortuna lhe fugiu.

Dona Ceci se chamava
A pobre mãe de José
Que tinha perdido tudo
Porém não perdera a fé
De ver, naquele naufrágio,
Seu filho inda tomar pé...

Tinha uma filha casada
Na capital Maceió,
Vivendo numa pobreza
Que a todos causava dó;
Ficaram morando juntos
Todos numa casa só.

Dona Maria Batista,
Aquela filha casada,
Tinha seis filhos pequenos,
Uma família pesada
— O que o marido ganhava
Ali, não dava pra nada...

Saiu José procurando
Um jeito de trabalhar;
Sabia ler e escrever,
Fazer contas, calcular,
Mas nem mesmo no pesado
Nada êle pôde arranjar.

Foi quando êle ouviu falar
Numa tal de Companhia
Que estava empregando gente
Dando toda garantia
Pra trabalhar na borracha
Que no Amazonas havia.

Todo homem que queria
— Era a noticia geral —
Tinha passagem de graça,
A roupa e o material
Para ir tirar borracha
Num ou noutro seringal.

O govêrno federal
Fôra o organizador
Dêsse “Exército da Borracha”
Que tinha a função, leitor,
De auxiliar a vitória
Contra o fascismo agressor.

Seguia o trabalhador
Qual se fôsse a uma batalha
Afim de extrair o leite
Da seringueira, sem falha:
Ele ia enfrentar a selva
Como o soldado a metralha.

Precisavam os Aliados
De borracha, às toneladas,
Para fabricar pneus
E mil coisas precisadas:
Tinha o Brasil compromisso
Com as Nações Aliadas.

O “Soldado da Borracha”,
Segundo o que se dizia,
Não precisava ir à guerra,
Aqui mesmo ajudaria,
Além disto, um ordenado
Vantajoso, recebia.

Era assinado um contrato
De trabalho, por três anos,
Findos os quais, o “empregado”
Podia cumprir seus planos,
Saindo do seringal,
Voltando aos seus pais e manos.

Na saída, além do cobre
Que houvesse economizado
Regressava de avião
Tudo por conta do Estado
E de seguir para a guerra
Ele estava dispensado.

18

Dizia-se ainda que
Lá no seringal, havia
Dentista, médico, remédios,
Que nada pois faltaria
Ao trabalhador que fôsse
“Lutar” na mata bravia...

Com toda essa garantia
E o ordenado de cem
Cruzeiros por cada dia
Caro leitor, veja bem,
Não houve quem não quizesse
Ir para a mata, também.

Corria o ano de mil
Novecentos e quarenta;
Zé Batista, o nosso jovem,
Com decisão se apresenta
E o Exército da Borracha,
Esperançoso, êle enfrenta.

Para poder ser aceito
Ele teve de aumentar
Sua idade, do contrário
Não poderia embarcar
— A precisão era muita
Que tinha, de trabalhar.

Zé Batista vai deixar
Sua mãe velha e doente
Na casa de sua irmã
Onde a fome é permanente,
Vai ao Norte procurar
Socôro pra sua gente...

Vai, iludido, inocente,
Sem saber do que existia,
Segue cheio de esperança
De poder voltar um dia
Trazendo qualquer recurso,
Um pouco de economia.

Vai para a selva bravia
Onde habita o canibal,
Indio que mata o cristão
E come a carne sem sal
E os ossos ficam esquecidos
No fundo do seringal...

25

Vai para a selva infernal
Das febres, do béríbéri,
Onde a todo passo a onça
O bote mortal desfere,
Onde os perigos são tantos
Que não há quem os enumere.

As matas do "inferno verde"
Por onde o Amazonas corre,
Onde um cristão que cai n'água
Em poucos minutos morre
Na bôca de um jacaré
E ali ninguém o socorre.

O país das pedras verdes,
Terra de riqueza imensa,
Mas onde campeiam o crime,
E despotismo e a doença,
Onde se leva a esperança
E traz-se a morte e a descrença!

Zé Batista, ignorando,
Fiado só no que ouviu
Contar das grandes vantagens
Já dos seus se despediu
E pras matas do Amazonas
Num grande grupo, seguiu.

Era um grupo de cem homens,
Igualmente a um batalhão,
Formado de nordestinos
Do litoral ao sertão
Que iam para o Amazonas
Na luta de ganhã-pão.

Riograndenses-do-norte,
Matutos pernambucanos,
Cearenses destemidos,
Valentes paraibanos,
Alguns moços de Sergipe,
Rapazes alagoanos.

Entre aqueles nordestinos
Seguia José Batista,
Menino de quinze anos,
Ia em busca da conquista
De um pouco de capital
Tendo a esperança por pista.

32

José fez logo amizade
Com um môço de Alagôas,
Foi quem mais simpatizou
Em meio a tantas pessôas
— Era um rapaz sorridente,
Gostava de dizer lôas.

Chamava-se João de França,
De José foi logo amigo,
Era pobre e também ia
Em busca de um novo abrigo,
Atraz da felicidade,
Da aventura e de perigo.

Como José, João de França
A pobre mãe lá deixou;
Êle era filho único
E a velha muito chorou
Porem, confiada em Deus,
Com a sina se conformou.

Vamos dizer, neste ponto,
Mais ou menos a viagem
Que êsses novos voluntários
Enfrentaram com coragem
Só para ver se encontravam
Na selva alguma vantagem.

Embarcaram num navio
No pôrto de Jaraguá,
Daí pararam em Recife,
Seguiram pro Ceará,
Antes de um mês de viagem
Viram Belém do Pará.

Desde à saída, notaram
Que havia um “regulamento”
A que se achavam sujeitos
Sob as ordens de um sargento,
Escoltados por soldados
Com extensivo armamento.

Se ali ninguem era prêso
Para que tanto rigôr?
Tinha hora pra dormir,
Pra fazer seja o que fôr
— O navio era um presidio
E o sargento o “ditador”...

José faz logo amizade
Com um moço de Alagôas,
Foi quem mais simpatizou
Em meio a tantas pessoas
-Era um rapaz sorridente,
Gostava de dizer lôas.



A roupa que receberam
Era um simples macacão
De mescla azul com casquete,
Uma camisa e um calção,
Um par de réguas, novo,
Mais um saco de algodão.

O saco era pra guardar
De cada um, a bagagem...
Uns encheram logo o saco
No comêço da viagem
E viram que se enganaram
Em crer na tal da vantagem.

Os que não levaram rêde
Dormiam lá no porão;
O calor era tão grande
Que sufocava o pulmão
Mas de lá ninguém saía
Sem ordem do "sargentão".

Quanto à comida, essa, então,
Era de não se tragar:
Feijão bichado e farinha,
Arroz, só para enganar,
A carne, essa era tão pouca
Não dava pra se enxergar.

Quem tentasse reclamar
Era arriscado a ser prêso.
O sargento ali dizia:
— Eu sempre fui duro e têsso,
Se alguém duvidar de mim
Eu posso mostrar meu pêso...

Assim seguiram a viagem
Até chegar em Belém.
Lá ficaram num albergue
Debaixo de ordens, também;
Conseguiram fugir quinze
Pulando um muro que tem.

Depois de uns dias que estavam
Naquela situação
Foram mandados seguir
Sob as ordens de um "mandão"
Para trabalhar na estrada
De picarêta na mão.

Alguns disseram que não
Iam trabalhar na estrada,
Que para ser covoqueiros
Não deixaram a terra amada,
Queriam ir pra seringa
Tirar borracha, e mais nada.

A turma era vigiada
Por homens todos armados;
Não tiveram outro remédio,
Foram trabalhar forçados
— Abrir estradas no mato
Como prêsos, condenados...

Não faltaram revoltados
Que tentaram escapular,
Alguns foram logo mortos
E para o efeito surtir
Deixavam o corpo na estrada
Para o urubú consumir.

Outros pegaram a sentir
As febres da região,
De vez em quando um caía
Num ataque de sezão;
Alguns a cobra mordida
Não havia salvação.

Passou-se assim um tempão
Nesse trabalho fatal
Até que depois de meses
O resto do pessoal
Foi afinal dividido
Pra seguir pro seringal.

José seguiu com dez homens
Para o Rio Juruá,
Já na fronteira do Acre
E uma vez chegando lá
Foram trabalhar nas matas
Do seringal Arujá.

Naquelas zonas não há
Govêrno, justiça ou lei,
Ali o dono das terras
E' uma espécie de rei
— Quem fôr contra o manda-chuva
Pode dizer: — Me afundei!...

Veja bem, leitor amigo,
A coisa como ela é,
Imagine o sofrimento
A que ponto chega até
Dentro do nosso Brasil
Como se deu com José.

José Batista chegou
Junto aos demais companheiros,
João de França ia também
Seguindo os mesmos roteiros,
Dispostos a trabalhar
Na vida de seringueiros.

Já três meses se passaram
Daquele saudoso dia
Que Zé Batista partiu
Cheio de vida e alegria
Para os seringais do Norte
Ver se Deus o ajudaria.

Dos que saíram consigo
Trinta e cinco desertaram,
Uns a febre liquidou,
Alguns os índios pegaram,
Outros morreram na bala
Ou cobra e onça mataram.

Os restantes que ficaram
Foram depois divididos
Pelos vários seringais,
Não puderam estar unidos
— Antes de entrar na seringa
Já se encontravam vencidos...

Como se fôssem bandidos
E' que êles foram tratados;
Alguns estavam sem roupa,
Doentes, sujos, barbados...
Já então todos sabiam
Que tinham sido enganados!...

José teve a grande sorte
E grande satisfação
De poder ficar ao lado
Do seu grande amigo João
— Entre êles dois a amizade
Fazia forte união.

Já no seringal, então
Veio o chefe capataz
E lhes deu a explicação
Como o trabalho se faz:
— Dois homens pra cada lado,
Vamos ver quem produz mais...

Nas matas dos seringais
O serviço é perigoso,
O seringueiro precisa
Ter fôrça e ser corajoso
— Muito brabo aqui da praça
Chega lá, vira medroso.

Cada seringueiro tem
Seu caminho ou sua estrada
Onde êle tira seringa
Dentro da mata fechada
— Não existe essa pessoa
Que, ali, ande desarmada.

Ele sai de madrugada
Para a seringa colher;
A seringueira é uma árvore
E êle tem que fazer
Em cada pé, vários cortes
Pro leite poder correr.

Levando uma machadinha
Várias caçambas conduz:
Dá os cortes, corre o leite
Que a borracha produz,
As caçambinhas aparam;
Consigo leva uma luz.

Essa luz é uma lanterna
Ou por outra um candieiro
De muita necessidade
Para o herói seringueiro
Que entra na mata inda escura
Para ganhar seu dinheiro.

Uma estrada de seringa
Tem uma légua ou tem mais,
O valente seringueiro
Aquele percurso faz,
À tarde, num balde cheio,
O leite colhido traz.

63
67

Não se afasta o seringueiro
Da sua espingarda cheia,
Seu facão de cortar mato
Que traz prêso na correia
— E êle corre ao “Barracão”
Se a munição escasseia.

O barracão geralmente
E' onde mora o “mandão”,
Isto é, o capataz
Ou às vezes o “chefão”,
Tudo o seringueiro compra
Somente no Barracão.

Os preços no seringal
São feitos pelo patrão,
Ali não chega a Cofap
Nem vai fiscalização
— E' como um mundo distante
Da tal civilização...

Ali a tabela é feita
Pelo proprio “coronel”,
O seringueiro ali sofre
A exploração mais cruel,
Quem achar ruim, come pouco,
Cala a bôca e engole o fel...

Um palmo de fumo custa
Cem ou duzentos cruzeiros,
Pinga vale igual ao ouro
E os pobres dos seringueiros
Vão enricando os patrões,
Desumanos carniceiros.

Zé Batista recebeu
Mais o seu amigo João
Uma espingarda, um revólver,
Uma peixeira e um facão,
Farinha, sal, fumo e fósforo,
Querozene e um lampeão.

Recebeu mais cada um
Todo o seu material
Para extrair a seringa
Sem faltar o principal
E seguiram os dois amigos
Pra dentro do seringal.

Levando uma machadinha
Várias caçambas conduz,
Dá os cortes, corre o leite
Que a borracha produz,
As caçambinhas aparam;
Consigo leva uma luz.



Viajaram todo um dia
Somente subindo o rio,
Mais dois dias pelo mato
Fechado, feio, bravio,
Aí fizeram a barraca
Num lugar fresco e sombrio.

A barraca era suspensa
Do chão sôbre quatro esteios,
Isto por causa das onças,
Cobras e outros bichos feios
Que poderiam trazer
Aos dois muitos aperreios,

Depois que os dois construíram
A casa de residencia
Começaram a trabalhar
Com fé e com paciência,
Confiados nos poderes
Da Divina Providência.

Os dois então combinaram,
Cada qual mais camarada,
De seguir um para um lado
E o outro por outra estrada;
Saíam cedo e de tarde
Vinham tomando chegada.

Para dormir, êles tinham
Cada qual seu mosquitoiro
Pois do contrário o pium,
Um mosquito traiçoeiro,
Chupava de noite o sangue
Do pobre do seringueiro.

Deixemos os dois rapazes,
José Batista e João,
Labutando na seringa
Distante do Barracão
E vamos falar um pouco
A respeito do patrão.

O dono do seringal
Era um rico já idoso,
Tinha casas em Manaus,
Era perverso e orgulhoso,
Porem sofria de um mal
Horrendo e contagioso.

Apesar de poderoso
Tendo dinheiro a fartar
Êsse rico era leproso
E nunca pôde curar
Aquela doença horrivel
Que o havia de acabar.

A familia dele estava
Morando na capital
Mas êle morava agora
No seu próprio seringal
Devido o adiantamento
Daquele terrivel mal.

Já lhe faltava uma orelha
E um olho não tinha mais
Mesmo assim, de vez em quando,
Vinha feito um Satanás
Atentar os seringueiros
E apertar o Capataz.

Chamava-se o velho Barros,
Era feio e ruim,
Na casa grande êle tinha
Tanta gente que era assim
Tudo pronto pra servi-lo
Com mêdo de levar fim.

Só de criadas havia
Umas vinte ou pouco mais:
Umas indias, outras pretas,
E a mulher do capataz
Essa, o velho inda sonhando
O que pedir, ela faz...

Nas matas dos seringais
Qualquer mulher não vai lá;
As indias já são dos indios,
Mulher de fóra não há
— As que tinha eram do velho
Do seringal Arujá.

Mas o velho Barros tinha
Uma filha natural
Com uma india, nascida
Lá mesmo no seringal
— Era uma flôr de beleza
Com o nome de Florinal.

Pois ali se cobra tudo,
Da ferramenta à passagem,
Se cobra o par de botinas
E as despesas da viagem,
Tudo num preço tão alto
Que o cabra perde a coragem.

Nos seringais do Amazonas
Reina a negra escravidão,
O pobre do seringueiro
Sofre toda humilhação
Trabalhando eternamente
Para engordar o patrão.

Um seringueiro trabalha
Todo um ano e nada tem;
Produz bastante borracha
E, no fim, não vê vintem...
Quando deseja ir-se embora
Diz-lhe o patrão: — Não convém!

— O senhor já deve muito
De compras no Barracão,
Deve também os remédios,
As botas e o macacão,
Me deve mais a passagem
— E não possui um tostão!

— Este ano o seu trabalho
Foi pouco e não rendeu nada!
Agora trabalhe mais,
Deixe de prosa fiada,
Que daqui pro fim do ano
Sua conta está liquidada.

E é sempre assim todo ano
Quando procura o patrão
Para acertar suas contas
E voltar pro seu torrão,
Vive e morre trabalhando
Nas garras da escravidão.

Volta o pobre seringueiro
Novamente para o mato,
Doente e desiludido,
Sofrendo todo maltrato
Para arriscar sua vida
Pelo seu patrão ingrato.

Pois ali se cobra tudo,
Da ferramenta à passagem,
Se cobra o par de botinas
E as despesas da viagem,
Tudo num preço tão alto
Que o cabra perde a coragem.

Nos seringais do Amazonas
Reina a negra escravidão,
O pobre do seringueiro
Sofre toda humilhação
Trabalhando eternamente
Para engordar o patrão.

Um seringueiro trabalha
Todo um ano e nada tem;
Produz bastante borracha
E, no fim, não vê vintem...
Quando deseja ir-se embora
Diz-lhe o patrão: — Não convém!

— O senhor já deve muito
De compras no Barracão,
Deve também os remédios,
As botas e o macacão,
Me deve mais a passagem
— E não possui um tostão!

— Este ano o seu trabalho
Foi pouco e não rendeu nada!
Agora trabalhe mais,
Deixe de prosa fiada,
Que daqui pro fim do ano
Sua conta está liquidada.

E é sempre assim todo ano
Quando procura o patrão
Para acertar suas contas
E voltar pro seu torrão,
Vive e morre trabalhando
Nas garras da escravidão.

Volta o pobre seringueiro
Novamente para o mato,
Doente e desiludido,
Sofrendo todo maltrato
Para arriscar sua vida
Pelo seu patrão ingrato.

Quando algum tenta fugir
O sofrimento é maior,
O patrão manda matar
Por ordem de "seo" Major...
Se alguém não quer trabalhar
A coisa fica pior.

No seringal Arujá
Há índios domesticados
Que trabalham para o chefe
Sendo seus subordinados
— O que êle mandar fazer
Vão logo, são bem mandados.

Por um copo de cachaça,
Um palmo de fumo, então,
Tem índio que sai de noite
À procura dum cristão,
Mata de flexa ou paulada
— Cumpre as ordens do patrão!

Tinha um índio valentão
No seringal Arujá,
O terror daquelas matas
Onde corre o Juruá,
Era um índio grôso e feio
De nome Maracajá.

Se acaso o Barros mandasse
Êle pegar qualquer féra,
Um jacaré, cobra ou onça,
Êle ia sem mais espera
— Trazia o bicho inda vivo
Só para mostrar quem era...

Esse dito índio gostava
Da formosa Florinal,
Ela porem o evitava,
E o povo do seringal
Dizia à boca pequena:
— Isto inda termina mal...

Agora volto, afinal,
A tratar dos dois rapazes
Que ficaram trabalhando
Como dois homens capazes,
Enfrentando a mata bruta
Com suas feras vorazes.

Naquelas matas, leitores,
A caça é sempre abundante,
Então José mais João
Não perdiam um só instante
De abater pra tirar couro
Qualquer bicho interessante.

Nesse esporte extravagante
Matavam onça pintada,
Sucuri, veado e anta,
Lontra, guariba e queixada,
Enfim, o que fôsse bicho
Grande, não deixavam nada.

Assim, além da seringa
Eles tinham a economia
Daquelas peles de bichos
Que muito bem se vendia
— E nesta bela esperança
Um dia vinha e outro ia...

Um belo dia, João vinha
Para o rancho regressando
Quando vê no seu caminho
Um lindo gato miando
— Era um filhote de onça,
João foi logo segurando.

E mais ligeiro marchando
O bicharoco levou,
Guardou-o em cima, na rêde,
Mas quando José chegou
Sôbre aquela brincadeira
Do amigo reclamou.

De fato, José falou
Visando já o proprio bem
Tanto dele e do amigo
Pois disse: — A mãe-onça vem
Atrás do bichano dela,
Não vai ser bom prá ninguém...

José falou acertado
Porem João não se importou,
Quando foi no outro dia
O gatinho êle levou
Para botá-lo de novo
No lugar onde encontrou.

Com isto se descuidou
E a onça velha, danada,
Vendo João com o gato dela
Avançou desesperada
De um tapa tomou-lhe o gato
E voou longe a espingarda.

No tapa que a onça deu
Estraçalhou logo o braço
De João, que naquela hora
Nem se lembrou do bagaço,
Na outra mão segura a faca
Com fôrça e desembaraço.

A onça deu-lhe outro bote,
João com ela se atracou,
Meteu-lhe a peixeira em baixo
No peito, que a bicha urrou,
Então, do ventre ao pescôço
O môço a onça furou.

A féra morta tombou
E João pôde se arrastar,
Andou ainda alguns metros,
Não pôde continuar,
Conhecendo que morria
Por José pôs-se a gritar.

Somente horas depois
Quando já era à tardinha
Foi que José regressando
Do serviço então já vinha
E dando falta do amigo
Foi saber o que é que tinha.

Entrando na estrada dele
Pouco adiante o descobriu:
João já se achava sem fôrças
Mas mesmo assim conseguiu
Contar todo o acontecido
— Logo José o acudiu.

No outro dia partiu
Levando o pobre do João
Nos ombros: levou três dias
Pra chegar ao Barracão
Afim de ver se o amigo
Conseguia salvação.

123

Um belo dia, João vinha
Para o rancho regressando
Quando vê no seu caminho
Um lindo gato miando
Era um filhote de onça,
João foi logo segurando.



Porem nesse mesmo dia
João de França faleceu;
Mas antes chamou José
E um retrato a êle deu:
Era da velha mãezinha
De quem João nunca esqueceu.

Pedi a José chorando:
— Se um dia você sair
Deste inferno onde inocentes
Nós dois viemos cair
Diga a mamãe que abençoê
Seu filho que vai dormir...

E ali cerrando os olhos
Para sempre adormeceu.
José chorou pelo amigo
E a si mesmo prometeu
De levar o saldo dele
À mãe que nunca esqueceu.

Zé juntou o que era seu
Disse para o capataz:
— Meu companheiro morreu
Pro mato eu não volto mais,
Ele teve eu que inda o trouxe...
E eu, sozinho, quem me traz?!

O capataz disse: — Môço,
Eu vou falar ao patrão,
Se êle diz que o senhor vai
Cumpro minha obrigação...
José disse: — Eu mato ou môrro
E, só, pro mato, eu não vou, não!

O velho Barros estava
Talvez de bôa maré,
Veio cá pessoalmente
E avisou para José:
— O senhor fica aqui mesmo
Mas já sabe como é...

Então botaram José
Pra ajudar no Barracão,
Quando Florinal viu êle
Tomou-lhe logo afeição,
Viu que era um môço dispôsto,
Distinto e de educação.

Maracajá quando soube
Não gostou da novidade,
Via José conversando
Com Florinal, sem maldade,
Mas logo odiou o môço
Com toda perversidade.

E foi pensar qual o meio
Mais fácil de assassinar
José Batista, visando
Dele logo se livrar
— Via a hora Florinal
Por José se apaixonar.

Um dia, pôde chegar
E achando a moça sozinha
Lhe disse: — Você decida
Se quer ser dele ou ser minha
Porque hoje eu vou matar
Esse “filho da murrinha”.

Florinal também já tinha
Da trama desconfiado,
Então neste mesmo dia
Contou tudo ao seu amado,
Disse a José: — Você fuja
Se não está desgraçado...

Tinha José mais ou menos
Vinte contos pra tirar,
Com mais uns quinze do João,
Nada êle pôde levar
— Florinal porem deu jeito
De alguma coisa arranjar.

Deu-lhe um rifle dos melhores
Que havia no Armazem,
Bastante bala, um revólver,
Farinha e fumo também,
Abraçou-o soluçando,
Disse: — Vai com Deus, meu bem!

Pedi para o pai mandar
Maracajá noutra parte
Levar uma encomenda,
Disse o indio: — Hei de mostrar-te
Na minha volta se faço
Ou não, com êle, uma arte.

A noite José seguiu,
Numa canôa embarcou,
Então para o seu ranchinho
Do mato êle viajou
— Antes de inteirar três dias
Na barraca êle chegou.

Dali o rumo tomou
Pela virgem mata espêssa.
Dormia à noite trepado,
Só encostava a cabeça,
O rifle prêso na mão
Dizendo: o brabo aparêça!

Com cinco dias depois
Que saiu do Barracão
Ia amanhecendo o dia
E êle, prestando atenção,
Conheceu rumor de passos
Vindo em sua direção.

Ficou de rifle na mão,
No gatilho o dedo já,
Olhando com todo tento
Pra ver o que vinha lá
Quando viu surgir o vulto
Do indio Maracajá.

O indio vinha trazendo
Uma espingarda na mão,
Arco e flexa a tiracolo,
Farejando como um cão,
Quando viu Zé, disse: — Volte
Por ordem de meu patrão!

Zé nem disse nada, não,
Conheceu chegada a hora,
— Deu-lhe um tiro tão certo
Que não sabe até agora
Se Maracajá morreu,
Se ficou, se foi embora...

Na fumaça, pulou fóra
Pelo mato emburacou...
Viajou mais quatro dias
Depois dos quais encontrou
Um rio e na outra margem
Uma casinha avistou.

144

Mas antes o que passou
Naquela fuga insensata
Não há pena que descreva
Sua penitência ingrata,
Os mil perigos ocultos
No inferno daquela mata.

Pois na selva do Amazonas
Habita o tigre-jaguar,
A feroz onça-pintada
Que dá medo só no olhar,
O javali perigoso
Que pega pra estraçalhar.

Lá vive a grande gibóia
E a enorme sucuriú,
A jararaca terrível
E a venenosa urutú,
A cascavél perigosa
E a mortal surucucú.

Só de insetos venenosos
Há uma porção imensa,
São mosquitos que transmitem
A morte, a febre, a doença
— E não tem cristão no mundo
Que a êsses demônios vença...

O índio que anda na mata
E vive de corpo nú
Passa sôbre a sua pele
A tinta do urucú
Pra se livrar dos insetos
Que pinicam pra xuxú...

Existe lá no Amazonas
Uma môsca varejeira
Que à noite pica a pessoa
E na picada certa
Deita ovos, viram bernes,
Queima igual uma fogueira!

José Batista dormindo
Num galho de árvore, então
Essas môscas o picaram
Uma certa ocasião
Na cabeça e deu bicheira,
Tinha de berne um montão...

Ele sentia a cabeça
Como um fogo a lhe queimar,
Dava cada ferroadada
De êle quase desmaiar
— Mas êle não tinha jeito
Na mata, de se tratar...

Já não podia dormir
Devido êsse sofrimento,
Andava à tôa, sem rumo,
No mais triste desalento,
Dizia consigo mesmo:
— Meu Deus! eu sei que não aguento!...

Um dia, em certo momento
Enquanto êle caminhava
Sentiu um esmorecimento,
Um sono que o dominava,
Queria andar, não podia,
Se mexia e não andava...

Foi que êle então se lembrou
Que estava sendo atraído,
Prestou bastante atenção,
Apurou o olho e o ouvido
E viu um rôlo de cobra
Que quase cái sem sentido.

Era de fato uma cobra
De um tamanho colossal!
Por mais um pouco José
Teria morte fatal
Mas valeu-se da espingarda
E deu-lhe um tiro mortal.

O chumbo bateu certo
E a grande cobra cegou
Pois justamente nos olhos
Da grande serpente entrou,
José conseguiu fugir,
Desta com vida escapou.

José se orientava
Pelo sol, já que sabia
Que andando para o poente
Cêdo ou tarde encontraria
Um afluente do rio
Por onde se salvaria.

Era de fato uma cobra
De um tamanho colossal!
Por mais um pouco José
Teria morte fatal
Mas valeu-se da espingarda
E deu-lhe um tiro mortal.



O que mais êle temia
Era achar na ocasião
Índios que fôsem capangas
Do seu carrasco patrão
E que quizessem prendê-lo
E levá-lo ao Barracão.

José pegara sezão
E béríbéri também,
Tinha os seus pés inchados,
Ele dizia, porem,
— Mesmo fraco como estou
Eu inda brigo com cem...

Mas não encontrou ninguém
Que a sua sorte não quiz.
No quarto dia, depois
Daquele encontro infeliz
Com Maracajá, José
Tem febre e bobagens diz...

Arde a cabeça ferida,
Sente o corpo lhe tremer,
Anda quase se arrastando,
Certo que ia morrer,
Delira com febre alta
Sem saber o que fazer.

Andando assim, sem saber
Chega às margens do afluennte
E avista na outra margem
Uma barraca na frente,
Grita pedindo socôrro
Pra ver se aparece gente.

A fraqueza que êle sente
E' tal que perde a razão,
A voz morre na garganta,
Apenas sacode a mão
Pra ver se alguém que lhe aviste
Não lhe negue a proteção.

Cái desmaiado no chão
Mas alguém de lá surgiu,
Era o dono da barraca
Que seu vulto pressentiu
E tomando uma canôa
Pra banda de cá seguiu.

O pobre José caiu
E sem sentidos ficou,
Veio o dono da barraca
Que seu corpo levantou,
Colocou-o na canôa
E para casa o levou.

Quando José acordou
Viu que se achava deitado
Num colchão, lá na barraca
Com um velho ali de um lado
E uma india já idosa
Que lhe prestava cuidado.

José Batista chamou
O homem, que logo veio
(Era um velho cearense)
José contou-lhe o aperreio,
Ele disse: — Aqui está livre
Daquele leproso feio.

Ali José descansou
Da viagem amargurada.
A india tratava dele,
Teve a cabeça raspada
E a berne, com creolina
Uma a uma foi tirada.

Passado um mês mais ou menos
José já se achava forte,
Ajudava o cearense
Que o tinha salvo da morte
E dava graças a Deus
De ainda ter tido sorte!

Um dia passava um barco
Com destino à capital
De Manaus e Zé seguiu
Sua viagem, afinal,
Só queria se ver longe
Do maldito seringal.

De Manaus José seguiu
Embarcado até Belem,
Descendo o Rio Amazonas
Com vida mas sem vintem;
Trabalhava na viagem,
Todos lhe queriam bem.

Daí prosseguiu alem
Para a terra alagoana.
Em três anos de martirios
Naquela selva tirana
Sofreu tanto que inda hoje
Sua idade a gente engana!...

Procurou a pobre velha
Mãe do amigo João de França,
Deu-lhe apenas o retrato
Que o João deixou de lembrança
Dizendo: — Reze por êle
Que hoje em paz o João descansa!

Assim findou-se a esperança
Deste môço brasileiro
Que viveu todo este drama
Na vida de seringueiro:
Três anos de sacrificios
Que só deram beneficios
Ao seu patrão cangaceiro.





Você que tem dificuldades com seus problemas sentimentais, encontrará em «Secretário do amor» um guia fiel e sempre à mão.

★
Pedidos à Editôra Prelúdio Limitada
Rua. Ipanema, 772 — Fone: 93-1374
São Paulo



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA